

599Poemas, poesia para iPhone e iPod Touch <http://blogs.publico.pt/ciberescritas>

Sociedade civil húngara organiza-se sob o grande chapéu-de-chuva do Solidariedade

Clara Barata, em Budapeste

Os húngaros procuram formas de se fazerem ouvir. As movimentações partem dos sindicatos, da Internet, de onde surgir uma ideia

● A embaixada da China fica nesta rua, Benczúr utca, a mesma onde as tropas soviéticas prenderam, no fim da II Guerra, o diplomata sueco Raoul Wallenberg, que ajudou a salvar milhares de judeus húngaros. Ainda nem são 8h da manhã, está a chover e caem uns farrapinhos de neve triste em Budapeste, mas o telemóvel de Tamás Székely não pára de tocar. Székely lidera o Movimento Solidariedade húngaro, o Solidaritas, que pretende ser o grande chapéu-de-chuva para reunir a dividida oposição húngara.

Dirigente sindical - presidente da União dos Trabalhadores da Indústria Química -, Székely faz questão de frisar que o Solidaritas "não é um sindicato", embora trabalhe com os sindicatos. Só aceitam membros individuais, mas trabalham com sindicatos. Em dois meses de existência, já estão em 200 locais, por todo o país, fora da capital onde tudo costuma concentrar-se: "Fizemos uma *flashmob* a 17 de Dezembro, para ver quantos somos e onde estamos", explicou.

"As pessoas perderam o interesse nos partidos. O movimento apareceu numa boa altura", diz Székely. Este sindicalista poderá não ter o carisma de Lech Walesa, saído dos estaleiros de Gdansk para derrubar o regime comunista na Polónia à frente do Solidariedade. Mas é um dos líderes de um movimento que capitalizou a insatisfação os trabalhadores que viram o Governo de Viktor Orbán apropriar-se dos descontos que tinham feito para as suas reformas no sistema privado. "Soldados, polícia e bombeiros ga-



Protesto contra a lei dos media organizada pelo Solidaritas

nam muito mal. A única compensação é que se podiam reformar cedo. Mas agora nem isso lhes vale a pena", explica Székely.

A arrogância do primeiro-ministro face a uma manifestação dos bombei-

ros - "Vou mandar o meu secretário de Estado dos palhaços" recebê-los, disse ele", recorda Skelély - foi um dos acontecimentos que ajudou a lançar as movimentações da sociedade civil. Muitos bombeiros compareceram

mesmo vestidos de palhaços, e com narizes vermelhos.

A manifestação de 2 de Janeiro, frente à Ópera, onde o Governo comemorava a nova Constituição, foi o momento em que o mundo reparou nos protestos contra Viktor Orbán. Mas eles já existiam antes. "Os primeiros foram em 2010, por causa da lei dos media. Mas pensámos que não bastava fazer uma manifestação simpática de vez em quando", conta Janos Boris, um porta-voz do grupo Um Milhão de Húngaros pela Democracia, que tem uma página no Facebook.

Não são ainda um milhão, andam pelos 500, colaboram com o Solidariedade e preferem manter distância em relação aos partidos políticos. Gostam de usar o humor - promovem a eleição de qualquer um para Presidente da República - e co-organizaram a manifestação de 2 de Janeiro. Defendem a liberdade de expressão: "Foi-nos retirado o sentimento de segurança. É verdade que o Governo não nos pressiona - mas vemos como os media são manipulados."

"Estamos a promover debates sobre vários temas, saúde, educação, política social, para fazer um programa consistente, em que as pessoas possam votar. Para ir além da negatividade dos protestos", explica Boris, um tradutor, escritor e editor, fazendo referência aos 60% de húngaros que não conseguem votar em ninguém.

Querem tornar-se um partido político, então? "Alguns membros do grupo podem querer formar um partido mais tarde. Mas por agora o objectivo é unir os partidos da oposição." A ponte ideal, defende, é o Solidariedade, a que também pertence.

E o Solidariedade, quer ser um partido? "Nós não somos um partido", assegura Skelély. "Os partidos democráticos não estão a conseguir contactar bem uns com os outros e o Solidariedade pode ser uma boa ponte entre eles."

Confrontos entre albaneses do Kosovo e a polícia

● Cerca de 146 manifestantes foram detidos e 52 pessoas ficaram feridas em confrontos entre radicais kosovares de origem albanesa e a polícia do Kosovo no sábado. Entre os feridos contam-se 31 polícias que foram atacados com "pedras e objectos metálicos".

Os manifestantes tentaram bloquear duas passagens fronteiriças com a Sérvia, depois de um apelo do Movimento kosovar para a autodeterminação, dirigido pelo líder radical Albin Kurti, para impedir a entrada de mercadorias sérvias no Kosovo. Kurti defende a unificação do Kosovo e da Albânia.

Durante os protestos, a multidão desfilou bandeiras albanesas e gritou "UÇK! UÇK!", a sigla do Exército de Libertação do Kosovo, a guerrilha kosovar que combateu as forças sérvias durante o conflito de 1998-99.

A fronteira do Kosovo com a Sérvia foi palco de vários confrontos e cenas de tensão envolvendo a minoria sérvia kosovar que protestava conta o embargo à entrada de produtos sérvios no Kosovo. Em Setembro do ano passado, os embargos mútuos foram levantados após um acordo entre Belgrado e Pristina.

Etarras detidos com material explosivo em França

● Três suspeitos membros da organização terrorista basca ETA foram detidos em França, anunciou ontem o Ministério do Interior espanhol. Tinham com eles documentos falsos (um era português) e ainda material que poderia ser usado para fabricar explosivos.

O principal detido é Jon Etxeberria Oiarbide, suspeito de ter pertencido ao comando que matou um polícia francês em 2010 numa troca de tiros após um roubo de carro que correu mal na zona de Paris, disse ainda o Ministério do Interior.

Os homens estavam armados quando foram detidos numa estação de comboios no Nordeste de França, numa operação conjunta da polícia francesa e espanhola. Os três suspeitos têm todos à volta de 30 anos, e seriam dirigentes da organização de juventude Segi, ilegalizada pelo Supremo Tribunal espanhol por estar ligada à ETA. Já Etxeberria é suspeito de ser membro do aparelho logístico da organização.

A ETA anunciou o fim das suas operações armadas a 20 de Outubro, depois de quatro décadas de luta que deixaram mais de 829 mortos.

Mapa dos distritos eleitorais pode ser antidemocrático, avisa analista

Uma lei eleitoral desenhada à medida do Fidesz

● A lei eleitoral húngara foi mudada pelo Governo conservador do Fidesz - e precisava de facto de ser mudada, os círculos já não correspondiam à realidade populacional. Só que há suspeitas - certezas, dizem os analistas que estudaram mapas e números - de que foi feita para beneficiar o Fidesz em futuras eleições.

"O mapa dos distritos eleitorais pode ser considerado antidemocrático. As suspeitas de *gerrymandering* são elevadas", diz Róbert Laszló, especialista em sistemas eleitorais do *think tank* Political Capital, em Budapeste. Este curioso termo, de origem anglo-saxónica, refere-se à manipulação das

fronteiras dos círculos eleitorais para obter vantagens para um dos lados em disputa - e é disso que é acusado o Fidesz de Viktor Orbán.

"Parece fácil identificar traços de manipulação política: a população dos distritos eleitorais com tendências de esquerda [nas eleições dos últimos anos] excede em 6000 pessoas, em média, a dos distritos com eleitores que tradicionalmente optam pela direita. Portanto, os votos nestes distritos têm maior peso, já que um deputado num distrito de direita precisa de menos votos para ser eleito", lê-se numa análise da nova lei eleitoral

feita pelo instituto Political Capital.

Este é um sistema eleitoral misto - em que se elegem deputados em círculos uninominais e alguns em listas partidárias. A particularidade nesta lei é que os votos "em excesso", para além dos necessários para eleger o deputado no círculo uninominal, passam para a lista nacional do seu partido. E o mesmo acontece com todos os votos nos candidatos que não ganharam em cada círculo, em relação às listas nacionais dos seus partidos.

"A importância deste mecanismo de 'compensação do vencedor' é mínima se a popularidade dos partidos

for equilibrada, mas se um partido for significativamente mais popular (como em 2010), estes elementos de distorção não são necessários para o partido predominante adquirir uma maioria de dois terços", lê-se ainda na análise do Political Capital.

Alan Renwick, do Departamento de Política e Relações Internacionais da Universidade de Reading (Reino Unido) estima que a distorção criada pelo novo sistema eleitoral amplificaria ainda mais o efeito que permitiu ao Fidesz ter 68% dos assentos parlamentares em 2010, conquistando 52,7% dos votos: teria 76% dos deputados. C.B., em Budapeste